

Centro Universitário de Brasília
ICPD – Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento
CESAPE – Centro de Especialização, Aperfeiçoamento e Extensão

CLAUDIA ABREU DA COSTA MARINS

**MULHERES NA REDE:
ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA EM
COMUNIDADES DO ORKUT**

**Brasília - DF
2006**

CLAUDIA ABREU DA COSTA MARINS

MULHERES NA REDE:

**ANÁLISE DA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FEMININA EM
COMUNIDADES DO ORKUT**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB-ICPD) como pré-requisito para a obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Língua Portuguesa – Texto e Discurso.
Orientadora: Professora Joana da Silva Ormundo

**Brasília - DF
2006**

AGRADECIMENTOS

Ao meu marido, Paulo, e aos meus filhos, Ian, Luna e Theo, pelo tempo de meu convívio e atenção que lhes foram furtados. À minha mãe, sempre uma incentivadora. A todos os amigos que me estimularam a voltar a estudar e, em especial, à Adriana, grande amiga que dividiu comigo momentos de grandes descobertas acadêmicas e existenciais. Aos meus colegas de curso, de quem guardarei ótimas lembranças de amizade, companheirismo e cooperação. A todos os professores, que conseguiram despertar em mim uma vontade enorme de continuar a buscar o saber. Aos orientadores metodológicos, professor Gilson e professora Tânia, por todo apoio e pela paciência com nossas limitações. À minha orientadora, professora Joana Ormundo, por sua leveza em nossos encontros, o que me deu tranquilidade para prosseguir, e por suas dicas fundamentais.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo aprofundar os estudos sobre a identidade da mulher contemporânea nas redes de relacionamento, através de análise da comunidade do orkut “mulheres que sabem provocar”, a fim de verificar como o discurso feminino constrói identidades contraditórias e ambivalentes, normalmente baseadas no discurso hegemônico masculino. Inicialmente, apresento como pressupostos teóricos as características da pós-modernidade na visão de Domenico De Masi, Anthony Giddens e Zigmunt Bauman, a teoria de Norman Fairclough sobre discurso e prática social e a teoria de Pierre Bourdieu sobre a dominação masculina. Depois, contextualizo o meu *corpus*, apresentando as principais características da rede de relacionamentos orkut. Por fim, apresento uma visão panorâmica de algumas comunidades do orkut e a análise da comunidade “Mulheres que sabem provocar”. Concluiu-se que as mulheres da comunidade investigada buscam construir identidades nas redes de relacionamento ambíguas e fragmentadas, com práticas discursivas distintas, ora liberal, ora conservadora, e que o discurso masculino ainda é hegemônico em relação ao discurso feminino, já que por vezes é imitado e outras, refutado.

Palavras-chave:

Pós-modernidade, discurso, identidade, redes de relacionamento.

ABSTRACT

The purpose of this study is to deepen the study on the contemporary women's identity in on-line social networks, by analyzing an *orkut* community called "Women who know how to tease", in order to verify how the female discourse builds contradictory and ambivalent identities, mainly based on the hegemonic male discourse. Initially, I present as my theoretical basis the characteristics of post-modernity as seen by Domenico de Masi, Anthony Giddens and Zigmunt Bauman, Norman Fairclough's theory of discourse and social practice and Pierre Bordieu's theory of male domination. Then the *corpus* is contextualized by presenting *orkut*'s chief characteristics. Finally I present a panoramic view of some *orkut* communities and the analysis of the community "Women who know how to tease". The conclusion is that women in that community seek to build ambiguous and fragmented identities in on-line social networks, with distinctive discourse practices, sometimes liberal, sometimes conservative, and that the hegemonic male discourse still dominates the female discourse, since at times it is imitated and at other times it is refused.

Key-words:

post-modernity, discourse, identity, social networks.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	06
1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS	10
1.1 Da pré-história à sociedade pós-industrial por Domenico De Masi	10
1.1.1 A Evolução do homem	10
1.1.2 A sociedade industrial	14
1.1.3 A sociedade pós-industrial	15
1.2 As conseqüências da modernidade por Anthony Giddens	17
1.3 A modernidade líquida por Zigmunt Bauman	21
1.4 Discurso e prática social na visão de Norman Fairclough	23
1.5 A dominação masculina por Pierre Bourdieu	28
2 CARACTERÍSTICAS DO ORKUT	31
3 METODOLOGIA	37
4 ANÁLISE DO CORPUS	39
4.1 Visão panorâmica de algumas comunidades do orkut	39
4.2 Análise da comunidade “Mulheres que sabem provocar”	44
4.2.1 Análise do perfil de um participante masculino	49
4.2.2 Análise do perfil de uma participante feminina	51
4.2.3 Comunidades relacionadas	53
4.2.4 Fórum	55
4.2.5 Reflexões sobre a análise	56
CONCLUSÃO	60
BIBLIOGRAFIA	63

INTRODUÇÃO

Compreender o nosso tempo é procurar compreender a nós mesmos, já que somos protagonistas dessa era marcada pela globalização, fragmentação, efemeridade, superficialidade, incerteza, insegurança e perplexidade. O iluminismo, aliado às conquistas tecnológicas da era industrial, vislumbrou um mundo muito melhor, em que a humanidade poderia usufruir os benefícios trazidos pela modernidade. Ocorre que as previsões não se consumaram e o que vemos são seres perdidos e atônitos, tragados pela velocidade das mudanças, sem conseguir sequer compreender as características de seu tempo. Por isso, nossos papéis variam de vítima a algoz, e vice-versa, com rapidez assustadora, e, muitas vezes, nos sentimos perdidos diante de tantas bifurcações que se apresentam em nossos caminhos.

Estudar a pós-modernidade, com todas as variações de nomenclatura que ela pode ter, é fascinante e desafiador, primeiro, por estarmos intrinsecamente inseridos nesse contexto, segundo, por todas as possibilidades teóricas que o tema oferece, e, por fim, e esse é um dos aspectos mais interessantes a meu ver, por se tratar de assunto inconcluso, sempre sujeito, portanto, a atualizações, já que ainda estamos vivendo a modernidade tardia.

O homem pós-moderno está preso ao carro de Jagrená, para usar a metáfora de Giddens (1991), sem conseguir pular fora apesar do pavor de se encontrar em um carro desgovernado, portanto, a sua intimidade está em processo de grande transformação diante do caos contemporâneo. Daí, é possível antever o surgimento de

novas ordens discursivas e a busca de novos tipos de identidade que atendam aos efeitos da globalização.

Nesse período de grande desenvolvimento das tecnologias de informação, determinante para o atual processo de globalização, a internet mudou as formas de interação entre os homens, dando à expressão “em tempo real” verdadeiro sentido, contribuindo para significativas mudanças na construção da identidade.

As redes de relacionamento, como o orkut, estimulam a interação e o agrupamento de pessoas por áreas de afinidade, chamadas comunidades. Ao mesmo tempo em que o internauta procura se aproximar de suas “tribos” preferidas, ele também constrói a imagem que lhe convém, já que no ciberespaço a identidade pode ser escamoteada pela possibilidade de falseamento de nome, de idade, de sexo e até de aparência.

As profundas transformações por que passam as relações sociais acabam por fragmentar a definição identitária da mulher contemporânea, que se sente compelida a romper com a hegemonia do discurso masculino, mas, muitas vezes apenas o imita, ou pior, às vezes o reforça.

No mundo virtual, as identidades são criadas e modificadas de acordo com a circunstância, sem nenhum compromisso com a realidade. As mulheres buscam construir identidades nas redes de relacionamento com práticas discursivas distintas, às vezes liberal, outras, conservadora.

Aprofundar os estudos sobre a identidade da mulher contemporânea nas redes de relacionamento é importante para verificar como o discurso feminino constrói

identidades contraditórias e ambivalentes, de que forma elas coexistem e como são vistas pela comunidade.

A identidade feminina nas redes de relacionamento é construída com imagens marcantes e antagônicas: por um lado, comunidades como “mulheres que dirigem bem”, “mulheres que bebem cerveja”, “mulheres inteligentes” mostram a construção da imagem de mulher que se coloca em igualdade com o mundo masculino, com discurso liberal e independente; por outro lado, comunidades como “mulheres que sabem provocar”, “mulheres lindas e solteiras” e “mulheres que fazem biquinho” procuram construir uma imagem de mulher objeto de desejo masculino, a mulher submissa, dependente emocionalmente do olhar do homem. Essa dicotomia entre a mulher independente e a mulher objeto está presente no discurso feminino nas redes de relacionamento.

Ao observar algumas comunidades na rede de relacionamento orkut, percebo que o discurso masculino ainda é hegemônico em relação ao discurso feminino, interferindo na formação da identidade da mulher na pós-modernidade. Além disso, alguns fatos noticiados na mídia mostram que determinados comportamentos discursivos comuns à cultura masculina não são bem aceitos na cultura feminina.

Há muito tempo, nutro especial interesse pelos assuntos relacionados à pós-modernidade, por isso optei por desenvolver um tema em que tivesse que aprofundar os estudos sobre as características do nosso tempo. Idealizei o presente trabalho como um funil, partirei de uma visão geral da pós-modernidade e da formação da identidade do sujeito contemporâneo, através da obra de três autores, abordarei a questão do discurso como prática social, utilizando a teoria Fairclough, e da hegemonia do discurso

masculino, baseado no pensamento de Pierre Bourdieu, até chegar à construção da identidade da mulher no orkut.

Escolhi, a partir de pesquisa entre comunidades do orkut que se relacionam a mulheres, utilizando o critério de maior número de participantes, apresentar uma breve comparação entre algumas comunidades e aprofundar a análise da comunidade “Mulheres que sabem provocar”, com o objetivo de diagnosticar as diversas possibilidades de discursos e a maneira como interagem entre si, levando em consideração o título da comunidade, a sua descrição, o teor das mensagens e o perfil de participantes, um homem e uma mulher. Para tanto, achei por bem dividir este trabalho em quatro capítulos.

No primeiro capítulo, tratarei dos pressupostos teóricos que embasaram meu trabalho, apresentarei as principais características da pós-modernidade na visão de três autores, Domenico De Masi, Anthony Giddens e Zygmunt Bauman e suas implicações na formação do discurso identitário do homem contemporâneo; apresentarei também a visão de Norman Fairclough sobre discurso e prática social e a visão de Pierre Bourdieu sobre a dominação masculina. No segundo, contextualizarei o *corpus* de meu trabalho, destacando as principais características do orkut. No terceiro capítulo, apresentarei a metodologia utilizada. Por fim, no quarto capítulo, aduzirei o resultado da pesquisa sobre as comunidades e a análise da comunidade “Mulheres que sabem provocar”.

1 PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

1.1 Da pré-história à sociedade pós-industrial por Domenico De Masi

1.1.1 A Evolução do homem

Para melhor compreender o homem moderno, é importante conhecer a sua evolução desde o início da espécie. Apresentaremos, a seguir, um breve resumo da história da humanidade, sob a perspectiva do sociólogo italiano Domenico De Masi, apresentada no livro *O Ócio Criativo* (2000).

O primeiro longo período da história humana data de setecentos milhões a setecentos mil anos atrás. Durante esse período, ocorreram mudanças extraordinárias, mas lentas, por isso quem vivia quase não percebia mudança alguma. Nessa fase, o homem criou a si mesmo: aprendeu, dentre outras coisas, a falar, a andar ereto, a educar a prole e a construir utensílios. As principais mudanças foram decorrentes da compensação dos nossos defeitos. O homem, por exemplo, ao contrário dos outros animais, não tinha um olfato aguçado e assim não tinha como farejar a caça, essa deficiência fez com que procurasse se levantar, para melhor avistar os outros animais. Dessa forma, pela seleção natural, salvaram-se os indivíduos mais aptos a caminhar eretos.

Ao ficar ereto, o homem deixou de usar os membros superiores para caminhar e, assim, as mãos ficaram livres, passando a ser usadas para compensar

outro defeito, a mandíbula fraca, que o tornava incapaz de agarrar e esquartejar a presa com os dentes. O homem passou a usar o cérebro e a exercitar a criatividade, construindo instrumentos e fabricando objetos.

Além de ficar ereto, liberar as mãos e potencializar o cérebro, o ser humano passou a educar a prole, o que, segundo De Masi (2000, p. 23), fez uma enorme diferença em relação aos outros animais. Os dinossauros, por exemplo, por serem autônomos, não eram educados pelos genitores, por isso, cada indivíduo começava do início, o que colaborou para a extinção da espécie. “Somos os únicos animais que não recomeçam sempre do início, mas que, além das características hereditárias e do saber instintivo, recebem dos adultos o saber cultural”.

O segundo período começou há setecentos mil anos e teve como principais características a criação de uma nova fonte de energia, o cachorro, e a invenção do arco e flecha. O cachorro pode ser considerado o primeiro motor a serviço dos homens, já que na era glacial era necessária uma força que pudesse puxar os trenós. O arco e flecha representou também uma grande conquista para a humanidade, por se tratar de instrumento bélico que não se perdia totalmente, pois o arco continuava com o guerreiro e apenas a flecha era substituída, quando necessário.

O terceiro período, iniciado há noventa mil anos a.C., foi marcado pela construção da sepultura, o que representou a invenção de um mundo novo, colaborando para a suavização da idéia do fim definitivo.

No quarto período, começado em seis mil a.C., aconteceu o início da agricultura, com a descoberta da semente. A mulher descobriu que melhor do que recolher as frutas caídas seria cultivá-las. Com o excesso de produção, o homem

começou a planejar o futuro e assim nasceu o sistema econômico. Ainda nessa fase, houve a passagem do matriarcado ao patriarcado, com a descoberta de que o macho também participava do nascimento dos filhos.

O período que data de três mil anos a.C. até o século XII d.C., apesar de ser muito longo, possui uma característica em comum, a rejeição da tecnologia. A nossa civilização, tal qual a conhecemos, teve início na Mesopotâmia. No início desse quinto período, o ser humano descobriu a cidade e a escrita. Nessa fase, foi descoberto o eixo e foram fabricadas as primeiras rodas. Descobriu-se a astronomia, que permitiu viajar também de noite, aumentando, assim, o alcance das viagens e, com isso, nasceu o comércio à distância. Foram inventadas a matemática e a escola e surgiram as primeiras leis. O processo de aculturação tornou-se mais generalizado.

De Masi (2000, p. 31) afirma que a história da humanidade é a história de aculturação progressiva: o animal socorre a prole, educa-a até a adolescência, depois a escola se encarrega de educar e, nos dias de hoje, os meios de comunicação de massa nos aculturam até a morte. Para o autor, aculturar é “colonizar o cérebro com o objetivo de moldá-lo, de modo que faça aquilo que o grupo de referência considera útil”.

Na Mesopotâmia surgiram novas formas de organização social: o autoritarismo, a ditadura, e o imperialismo, culminando no imperialismo romano. A Grécia, berço de uma fase que durou do séc. V a.C. até XI d.C., foi precursora da idéia de rede, de network, porque a sua organização social e política era formada por uma rede de cidades que se aliavam de acordo com as suas necessidades. Porém, apesar de conservarem algumas diferenças, possuíam em comum a língua, fundamental para a manutenção da unidade.

Esse longo período foi marcado pela rejeição da tecnologia, porque se acreditava que tudo já tivesse sido descoberto devido ao grande progresso ocorrido na Mesopotâmia. Rejeitava-se também o progresso por acreditarem que os escravos podiam fazer qualquer tipo de trabalho.

No sexto período, iniciado no século XII d.C., a dificuldade de conseguir escravos desencadeou uma grande explosão tecnológica, parecida com a ocorrida na Mesopotâmia quatro mil anos antes. Iniciou-se uma nova fase de descobertas: pólvora, bússola, novo arreio para cavalos, óculos, imprensa e relógio. Para De Masi (2000), no entanto, a maior descoberta desse período foi o purgatório. Inaugurou-se, assim, a fase de especulação sobre as almas e, com ela, o comércio das indulgências, que permitiu a acumulação de riqueza por parte das igrejas. Para gerir essas riquezas, foram criados os bancos, e isso tudo preparou o advento da indústria.

Além disso, surgiram o pensamento de Bacon, Descartes e Vico, que criticaram a filosofia aristotélica, colocando a utilidade prática em primeiro plano. Foi a época do iluminismo, em que aconteceu a primazia da razão: o homem descobriu que podia resolver os problemas racionalmente, sem apelar para a religiosidade ou fatalismo.

A descoberta da eletricidade, da máquina a vapor e da organização científica, aliada às idéias iluministas e às idéias de acumulação de riquezas, responsáveis por nova divisão do trabalho e nova organização de poder, propiciaram o surgimento da sociedade industrial.

1.1.2 A sociedade industrial

Na metade do século XVIII nasceu o racionalismo, que fez desse período o século das luzes. Nessa fase, descobriu-se, além da energia elétrica, a locomotiva e o pára-raios, que deu ao homem a consciência de que podia domar a natureza.

A revolução industrial surgiu da necessidade de produzir bens materiais suficientes para satisfazer as necessidades crescentes de uma crescente massa de consumidores, originada das revoluções francesa e americana.

De Masi destaca o exemplo do fabricante de móveis Michael Thonet, um vienense que descobriu em meados do século XIX que havia um tipo de gente que queria ostentar o status de classe média recém-criada, mas sem dinheiro suficiente para comprar objetos exclusivos como os da aristocracia. Criou, então, móveis práticos, mais baratos, fáceis de montar e que podiam ser vendidos através de catálogo. Thonet inventou o modo de produção em série, típico da sociedade de massa, extremamente consumista.

A consciência de que toda a sociedade mudou ocorreu apenas em torno de 1850, a partir daí começou-se a falar não apenas em indústria, mas em sociedade industrial, com características próprias, mais racional e objetiva. A fábrica expulsou tudo o que não era racional: a emoção, a estética e a ética. A sociedade industrial excluiu os valores femininos, tornando-se eminentemente masculina.

Segundo De Masi (2000), os princípios da modernidade são: estandardização, caracterizada pela não personalização e padronização do gosto dos

consumidores; especialização, levada às últimas conseqüências; sincronização, pois tudo deve funcionar no tempo certo; maximização, caracterizado pelo ritmo opressivo do trabalho; e, por fim, a centralização, ou seja, a organização deve ter a forma de uma pirâmide, onde o vértice sabe tudo, é quem pensa, e os executores estão na base.

As principais críticas à sociedade de massa vieram, pela esquerda, da Escola de Frankfurt, representada por Horkheim, Adorno, Marcuse e Fromm, que denunciavam a manipulação por trás da falsa participação popular. Os teóricos da Escola de Frankfurt viam as massas como rebanhos de ovelhas administrados pelos meios de comunicação de massa. Pensadores que representavam o pensamento de direita, como Ortega y Gasset e Eliot, questionavam a democracia e a igualdade do voto, não aceitavam o fato de o voto de um sapateiro ter o mesmo valor que o voto de um deles.

1.1.3 A sociedade pós-industrial

Enquanto a sociedade industrial levou milênios para surgir depois da sociedade rural, a sociedade pós-industrial chegou apenas 200 anos depois da industrial. De Masi destaca uma dupla passagem da espécie humana: das atividades física e repetitiva, típicas da era industrial, para as atividades intelectual e criativa, típicas da sociedade pós-industrial.

Em meados do século XX, com o surgimento da televisão, iniciou-se a aldeia global. Nos dias de hoje, graças aos meios de transporte e de comunicação, a nossa

sociedade se percebe como uma grande aldeia global, com uma mudança nas noções de tempo e espaço.

De Masi (2000, p. 78) dedica um capítulo de seu livro às idéias de Daniel Bell, autor do livro *O advento da sociedade pós-industrial*. Para Bell, a passagem da sociedade industrial para a sociedade pós-industrial pode ser definida como a passagem de uma economia de produção para uma economia de serviços e escolhe o ano de 1956 como a data de nascimento dessa nova sociedade, pelo fato de que, nesse ano, pela primeira vez, “o número de trabalhadores do setor terciário superou a soma do número de trabalhadores do setor industrial e agrícola”. Bell destaca ainda a inversão da pirâmide, com a crescente importância dos profissionais liberais e técnicos em relação aos operários e o primado das idéias, com enfoque no saber teórico.

O sociólogo italiano cita ainda Alvin Tofler, autor do livro *A Terceira Onda*, onde é destacado o papel da subjetividade na sociedade pós-industrial, em contraposição à massificação da sociedade industrial. “Após duzentos anos de homogeneização forçada, industrial, hoje a tecnologia nos permite diferenciar-nos.” (DE MASI, 2000, p. 111). Touraine, segundo De Masi, acredita que a sociedade pós-industrial distingue-se pela sua necessidade e capacidade de projetar o próprio futuro, técnica, sociológica e politicamente. “O coração desta sociedade é a programação.” (DE MASI, 2000, p. 121).

Para De Masi (2000, p. 123), a sociedade pós-industrial pode ser definida como a sociedade criativa. Nessa fase, o poder está ligado ao desenvolvimento das idéias e da informação. “A América é potente não porque possua a Ford ou Microsoft, mas porque possui universidades, laboratórios de pesquisa, o cinema e a CNN.”

As principais características da sociedade pós-industrial são: globalização (tendência de explorar e colonizar todo o território até construir uma única aldeia); bifurcação (dúvida entre deixar-se levar pela homogeneização ou pela subjetividade); maior tempo livre; intelectualização (prioridade das atividades cerebrais sobre as manuais e das virtuais sobre as tangíveis); criatividade; estética; subjetividade; emotividade e feminilidade (em contraposição à racionalidade exagerada e masculinidade da era industrial); maior atenção à qualidade de vida; e nomadismo (maior facilidade e oportunidade de viajar).

1.2 As conseqüências da modernidade por Anthony Giddens

O que Domenico De Masi chama de sociedade pós-industrial, alguns pensadores chamam de pós-modernidade, pós-modernismo, modernidade tardia ou capitalismo tardio. Anthony Giddens (1991, p. 13), no entanto, não concorda com a idéia de que houve uma ruptura entre o que chamam de modernidade e pós-modernidade, qualquer que seja a nomenclatura. Para ele, o que vivenciamos na atualidade são as conseqüências da modernidade. “Em vez de estarmos entrando num período de pós-modernidade, estamos alcançando um período em que as conseqüências da modernidade estão se tornando mais radicalizadas e universalizadas do que antes”. O autor afirma que não se pode deixar de reconhecer que vivenciamos o surgimento de uma nova ordem, que é pós-moderna, mas isso é bem diferente do que muitos insistem em chamar de “pós-modernidade”.

Para Giddens (1991, p. 11), modernidade “refere-se a estilo, costume de vida ou organização social que emergiram na Europa a partir do século XVII e que ulteriormente se tornaram mais ou menos mundiais em sua influência”. Ele afirma que vivemos numa época marcada pela desorientação, pela sensação de que perdemos o controle e de que não somos mais capazes de compreender os acontecimentos sociais.

A modernidade rompe com a tradição e isso abala a percepção dos indivíduos sobre a segurança e a confiança. Giddens (1991, p. 80) explica que “a tradição é uma orientação para o passado, de tal forma que o passado tem uma pesada influência ou, mais precisamente, é constituído para ter uma pesada influência para o presente. A tradição está vinculada à compreensão do mundo fundada na superstição, na religião e nos costumes, pressupõe uma atitude de resignação diante do destino. Vincula-se também ao futuro, através de uma espécie de linha contínua que envolve o passado e o presente. A tradição envolve o ritual, como forma de preservar a memória coletiva e as verdades inerentes ao tradicional, mas apenas os iniciados podem participar e compartilhar de sua verdade, por isso é intrinsecamente excludente.

Giddens procura mostrar uma nova caracterização tanto da natureza da modernidade quanto da ordem pós-moderna e, para tanto, demonstra que existem descontinuidades em várias fases do desenvolvimento histórico. A modernidade teve que inventar tradições e romper com a tradição genuína, ou seja, com valores radicalmente vinculados ao passado. Nesse sentido, expressa descontinuidade, ruptura entre o que se apresenta como novo e o que persiste como herança do velho.

Ele observa que houve um deslocamento das relações sociais de contextos locais de interação e sua reestruturação através de extensões indefinidas de tempo e

espaço, cujos mecanismos de desencaixe são definidos por fichas simbólicas e sistemas peritos. “Fichas simbólicas são meios de intercâmbio que podem ser circulados sem ter em vista as características específicas dos indivíduos ou grupos que lidam com eles.” (GIDDENS, 1991, p. 30). O melhor exemplo de ficha simbólica, para o autor, é o dinheiro, porque possibilita a realização de transações entre agentes separados no tempo e no espaço. Sistemas peritos são “sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos hoje.” (GIDDENS, 1991, p. 35).

Além dos conceitos de descontinuidade e desencaixe, é importante destacar, em Giddens, o conceito de reflexividade, que constitui a terceira fonte de dinamismo da modernidade. A reflexividade da modernidade significa que as práticas sociais são constantemente avaliadas e transformadas à luz do conhecimento renovado por essas mesmas práticas. Na modernidade reflexiva, o conhecimento está sempre sob dúvida, sempre sujeito à revisão, sempre sob o risco de ser descartado.

As características da modernidade produzem sensação de insegurança, ansiedade, perigos e incertezas. A modernidade produziu um mundo fora de controle, bem diferente daquele preconizado pelo iluminismo, já que no início da industrialização supunha-se que alcançaríamos um alto grau de desenvolvimento com o avanço tecnológico e a primazia da razão. O que percebemos, no entanto, é que a modernidade produziu o carro de jágrená, metáfora adotada por Giddens para indicar um carro desgovernado, o qual não podemos controlar, mas do qual não podemos pular fora.

Para Giddens (2002, p. 9), “a modernidade altera radicalmente a natureza da vida social cotidiana e afeta os aspectos mais pessoais de nossa existência”. Assim como De Masi, o autor considera que uma das características mais marcantes da modernidade é a crescente interconexão entre a tendência à globalização por um lado e a individualização de outro. “Num dos pólos da interação entre o local e o global está o que chamo de *transformação da intimidade*” (GIDDENS, 2002, p. 13).

A reflexividade, ou seja, o princípio da dúvida radical, colabora para a sensação de que tudo é relativo, de que nem a identidade é algo definitivo, mas que está sempre em construção, sujeito, portanto, a mudanças constantes, gerando, com isso, incertezas e questionamentos. Giddens afirma que vivemos numa sociedade de risco, por isso o homem contemporâneo é obrigado a agir de forma calculista em relação a todas as possibilidades que a vida moderna oferece, para que, assim, consiga o mínimo de segurança necessário para amenizar seu drama existencial. Ele explica que

A modernidade, pode-se dizer, rompe o referencial protetor da pequena comunidade e da tradição, substituindo-as por organizações muito maiores e impessoais. O indivíduo se sente privado e só num mundo num mundo em que lhe falta o apoio psicológico e o sentido de segurança oferecidos em ambientes mais tradicionais. (GIDDENS, 2002, p. 38).

A identidade do homem moderno é influenciada a todo o instante por acontecimentos distantes, que afetam o seu dia-a-dia. Giddens (2002, p. 13) acrescenta que “a modernidade (...) produz diferença, exclusão e marginalização”. Daí, portanto, não é de se estranhar que a modernidade tardia produza no indivíduo a sensação de perplexidade, de insegurança e de ausência de sentido pessoal.

1.3 A modernidade líquida por Zygmunt Bauman

O que De Masi chama de sociedade pós-industrial e Giddens define como conseqüências da modernidade, Zygmunt Bauman denomina de modernidade líquida. O autor diferencia a modernidade atual, fluida e leve, de uma outra, sólida e pesada. “Os fluidos se movem facilmente. (...); diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos – contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho” (BAUMAN, 2001, p. 8).

Bauman (2001, p. 9) questiona “mas a modernidade não foi um processo de liquefação desde o começo?”, e responde “tudo isso seria feito não para acabar de uma vez por todas com os sólidos e construir um admirável mundo novo livre deles para sempre, mas para limpar a área para novos e aperfeiçoados sólidos”.

Para ele, no entanto, há duas características que distinguem a modernidade líquida da sólida, a primeira é o fim da ilusão de que se pode dominar o futuro e de que há um objetivo a alcançar e um caminho a seguir, além da distinção rígida entre certo e errado. A segunda é “a desregulamentação e a privatização das tarefas e deveres modernizantes” (BAUMAN, 2001, p. 38), ou seja, o direito individual precede o coletivo e, assim, os indivíduos passam a ter o direito de ser diferentes e de escolher o caminho a seguir.

A apresentação dos membros como indivíduos é a marca registrada da sociedade moderna. Essa apresentação, porém, não foi um peça de um ato: é uma atividade reencenada diariamente. A sociedade moderna existe em sua atividade incessante de ‘individualização’, assim como as atividades dos indivíduos consistem na reformulação e renegociação diárias da rede de entrelaçamentos chamada ‘sociedade. (BAUMAN, 2001, p. 39)

O mundo atual é uma infinidade de caminhos, a ponto de qualquer indivíduo jamais conseguir, em sua única vida, experimentar todas as possibilidades que lhe são oferecidas. Por isso mesmo, nada é eterno, nem definitivo, nem irrevogável.

A modernidade líquida produziu um sujeito que busca solidificar as suas diferenças e a sua individualidade, mas, diante de tantas possibilidades, é preciso estar em constante consonância com a flexibilidade e a velocidade do mundo, por isso, afirma Bauman, “a busca da identidade é a busca incessante de deter ou tornar mais lento o fluxo, de solidificar o fluido, de dar forma ao disforme”.

Ocorre que a busca da diferenciação e da individualização gerou no homem contemporâneo insegurança e solidão, produzindo também um sentimento de nostalgia do tempo em que pertencia a um grupo sem interesses pessoais. É um tipo de saudosismo que reproduz e reinventa, no conceito de comunidade, a idéia do paraíso perdido, em que o senso de pertencimento ajuda o indivíduo a se sentir confortável e seguro. Bauman explica que “comunidade é, hoje, a última relíquia das utopias da boa sociedade de outrora; é o que sobra dos sonhos de uma vida melhor, compartilhada com vizinhos melhores, todos seguindo melhores regras de convívio” (BAUMAN, 2001, p. 108).

Mas o sociólogo adverte que a idéia de comunidade não corresponde exatamente ao sonho de volta ao paraíso perdido porque “ser em comunidade” não é um processo simples, já que existe uma tensão entre essa utópica e almejada segurança com a idéia de liberdade, própria da identidade pós-moderna. Na medida em que a vivência em comunidade significa a perda da liberdade, esse processo acaba gerando uns dos dilemas mais significativos para compreensão das dinâmicas sociais

da contemporaneidade. Paradoxalmente, almejamos e resistimos à segurança coletiva, em prol da liberdade individual.

Um outro aspecto relevante para caracterizar a modernidade líquida, ou, como define Bauman, mundo do *software*, em oposição à era do *hardware*, é a instantaneidade. “As pessoas que se movem com rapidez, que mais se aproximam do momentâneo do movimento, são as pessoas que agora mandam” (BAUMAN, 2001, p.139).

1.4 Discurso e prática social na visão de Norman Fairclough

A teoria social do Discurso defendida por Fairclough (2001) se distingue por examinar o papel da linguagem não apenas na reprodução das práticas sociais e das ideologias, mas também seu papel fundamental na transformação social. A teoria, portanto, é dialética na medida em que considera o discurso, por um lado, moldado pela estrutura social e, por outro, constitutivo da estrutura social. “A prática discursiva é constitutiva tanto de maneira convencional como criativa: contribui para reproduzir a sociedade (...) como é, mas também contribui para transformá-la” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 92)

Considerando o discurso como prática social, e não como atividade individual ou reflexo de variáveis situacionais, Fairclough (2001, p. 91) distingue os efeitos construtivos do discurso em três dimensões: a construção das identidades

sociais, as posições dos sujeitos sociais e a construção dos sistemas de conhecimentos e crenças.

Para o autor, a mudança discursiva implica uma mudança social e cultural, pois o discurso se constitui como prática social, prática discursiva e textual, realizando-se através das relações sociais. Dependendo de como o indivíduo se vale das convenções discursivas, ele contribui para a reprodução ou a transformação das relações e estruturas sociais que o moldam. Ele explica que “o discurso é uma prática, não apenas de representação do mundo, mas de significação do mundo, constituindo e construindo o mundo em significado” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

Fairclough apresenta uma concepção tridimensional do discurso, onde reúne três tradições analíticas indispensáveis para a análise do discurso. São elas: análise textual, análise da prática discursiva e análise da prática social.

Para a análise textual, devem ser considerados os seguintes itens: vocabulário, gramática, coesão e estrutura textual. Para a análise da prática discursiva, que envolve processos de produção, distribuição e consumo textual, os itens principais são: a força dos enunciados, a coerência dos textos e a intertextualidade dos textos. Na verdade, “esses sete itens constituem um quadro para a análise textual que abrange aspectos de sua produção e interpretação como também as propriedades formais dos textos” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 104).

A análise da prática social situa o discurso em relação à ideologia e à concepção de poder como hegemonia. Fairclough (2001, p.117) entende que

ideologias são significações/construções da realidade (...) que são construídas em várias dimensões das formas/sentidos das práticas sociais discursivas e

que contribuem para a produção ou a transformação das relações de dominação.

Para o autor, é por meio da linguagem que as pessoas dos mais variados grupos sociais podem exercer o poder sobre outras no conjunto de relações que estabelecem na sociedade a que pertencem. As ideologias mais eficazes são aquelas legitimadas pela prática discursiva, as que, de tão corriqueiras e normais, passam a ser consideradas naturais e caem no senso comum.

Fairclough (2001, p. 122) define hegemonia como

o poder sobre a sociedade como um todo de uma das classes economicamente definidas como fundamentais em aliança com outras forças sociais, mas nunca atingido senão parcial e temporariamente, como um equilíbrio instável.

O conceito de hegemonia é fundamental para compreender a prática social à qual pertence o discurso e suas relações de poder e analisar “a prática discursiva como um modo de luta hegemônica, que reproduz, reestrutura ou desafia as ordens de discurso existente” (FAIRCLOUGH, 2001, p. 126). Um discurso tanto pode reforçar o poder hegemônico como pode transformar as relações de poder através da luta hegemônica.

Em seu livro mais recente, *Analysing discourse – Textual analysis for social research* (2003), Fairclough apresenta instrumentos para análise de linguagem escrita e falada para pessoas pouco familiarizadas com as teorias lingüísticas, mas que trabalham com ciências sociais, e para aquelas que já possuem algum conhecimento sobre o tema, já que, conforme explica, pesquisadores sociais necessariamente trabalham com materiais que envolvem a linguagem, como textos, entrevistas, diálogos, e, por conseqüência, a análise do discurso.

O autor esclarece que o foco de seu novo trabalho é o texto, mas dentro de um contexto mais abrangente, de modo que a análise de discurso crítica possa ser usada como recurso para pesquisas sociais, e explica que “análise de texto é uma parte essencial de análise de discurso, mas a análise de discurso não é só a análise lingüística de textos” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 8).

O termo texto é usado em sentido bem amplo, podendo se tratar de um texto escrito, de um diálogo falado, de um *site* na Internet ou de um programa de televisão. Discurso é visto “como modos de representar aspectos do mundo – os processos, relações e estruturas do mundo material, ‘o mundo mental’ dos pensamentos, sentimentos, crenças, e assim por diante, e o mundo social” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 9). Para identificar o período histórico mais recente, também conhecido por sociedade pós-industrial (De Masi), modernidade tardia (Giddens), modernidade líquida (Bauman), Fairclough usa o termo novo capitalismo. Ele dedicou especial atenção ao tema sob a alegação de que muitas pesquisas sociais estão relacionadas às mudanças advindas a partir da reestruturação do capitalismo. “E, muito simplesmente, porque nenhuma pesquisa social contemporânea pode ignorar estas mudanças, elas têm tido um efeito penetrante em nossas vidas” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 10).

É possível identificar diferentes discursos em um texto através da análise textual, já que o discurso pode representar, ao mesmo tempo, uma parte do mundo e a visão particular do sujeito. Para Fairclough (2003, p. 182), os traços que mais diferenciam um discurso são os traços de vocabulário, uma vez que “discursos nomeiam ou lexicalizam o mundo de modos particulares”. Os discursos também podem

ser diferenciados por metáforas, seja lexical ou gramatical (FAIRCLOUGH, 2003, p. 186).

Convém destacar, para a análise de meu *corpus*, um outro aspecto do discurso, que é o estilo. “As pessoas se identificam e são identificadas pelas outras” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 224) por meio de seus estilos discursivos. Esse processo, no entanto, é complexo, pois são formadas tanto a identidade social quanto a individual. O autor explica que “o desenvolvimento completo das pessoas como agentes sociais está dialeticamente interconectado com o desenvolvimento completo de suas personalidades, nenhum dos quais é garantido” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 226). Por isso, em análise textual é possível identificar aspectos individuais e coletivos, há sempre um “eu” e um “nós”. (FAIRCLOUGH, 2003, p. 228).

Uma outra forma de buscar identificação nos textos é verificando o que o seu autor considera real ou verdadeiro (modalidade) e o que considera bom ou ruim (avaliação), pois “o modo como as pessoas se expressam nos textos é uma parte importante da maneira como elas se identificam, ou seja, a estruturação de identidades” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 231). Verbos modais, como poder, parecer e dever, advérbios, como certamente, provavelmente e possivelmente, e adjetivos, como necessária, esperada e permitida são exemplos de marcadores de modalização que ajudam a identificar o nível de comprometimento do autor com seu enunciado. Além disso, há outros aspectos, como entonação, gestos e pronúncia, uso de eufemismos, etc. Há também adjetivos, como bonito e feio, advérbios, como corajosamente e felizmente, verbos, como gosto e odeio, que denotam juízo de valor.

No último capítulo do livro, Fairclough apresenta um manifesto para análise crítica de discurso, onde afirma que a pesquisa social crítica deve se preocupar em melhorar as condições de vida das pessoas, em buscar possibilidades de mudanças sociais que possam reduzir os graves problemas produzidos por sociedades capazes de gerar, ao mesmo tempo, riquezas e privações.

O autor questiona o motivo de destacar o papel da linguagem e do discurso na pesquisa crítica do novo capitalismo e ele mesmo responde, afirmando:

O ponto mais significativo é que o elemento lingüístico tem um certo elemento-chave que se faz mais saliente, mais importante do que é usado para ser, e de fato um aspecto crucial das transformações sociais que estão vindo – ninguém pode marcar o sentido delas sem refletir sobre linguagem” (FAIRCLOUGH, 2003, p. 291).

1.5 A dominação masculina por Pierre Bourdieu

No prefácio da edição alemã da obra “A dominação masculina”, Pierre Bourdieu (1999, p. 5) lembra que as relações entre os sexos se transformaram bem menos do que análises superficiais podem supor e esclarece que muitas estruturas que se apresentam como eternas e naturais são, na verdade, produto de um trabalho de eternização, legitimado por instituições como família, igreja, escola e imprensa.

Bourdieu (1999, p. 7) chama de paradoxo da dóxa o fato de a ordem do mundo ser respeitada sem transgressões ou delitos, e mais, que a ordem estabelecida se perpetue com tanta facilidade e que condições intoleráveis de existência possam ser aceitas e naturalizadas dentro da sociedade. A dominação masculina é um exemplo

desse paradoxo, porque se trata de um tipo de violência simbólica, suave, imperceptível às próprias vítimas, exercida pelas vias da “comunicação e do conhecimento, do desconhecimento, do reconhecimento e do sentimento”.

Para o autor, a principal questão é reconhecer o caráter paradoxal da dominação e apresentar os processos responsáveis pela transformação do arbitrário cultural em natural e reconhecer o caráter arbitrário da diferença entre masculino e feminino. Ao contrário do que se poderia supor, a instância de maior perpetuação da dominação não é a unidade doméstica, mas instituições como a escola e o Estado, lugares onde deveria existir espaço para “lutas políticas contra todas as formas de dominação”. (BOURDIEU, 1999, p. 11).

A partir dos estudos que fez sobre a sociedade Cabila, na Argélia, onde morou por algum tempo, Bourdieu (1999, p. 9) destacou a importância de reconhecer, através de análise objetiva de uma sociedade androcêntrica, organizada de cima para baixo, uma arqueologia do nosso inconsciente.

O sociólogo francês mostrou que, na ordem da sexualidade, as diferenças estão presentes em um conjunto de oposições que organiza todo o cosmos e os atos sexuais vêm carregados de significação.

A constituição da sexualidade enquanto tal (...) nos fez perder o senso da cosmologia sexualizada, que se enraíza em uma tipologia sexual do corpo socializado, de seus movimentos e seus deslocamentos, imediatamente revestidos de significação social – o movimento para o alto sendo, por exemplo, associado ao masculino, como a ereção, ou a posição superior no ato sexual. (BOURDIEU, 1999, p. 16)

Assim como a posição superior do ato sexual é considerada naturalmente masculina, diversas situações consideradas de superioridade são ligadas ao masculino.

Outro sistema de oposições segue a lógica da divisão entre masculino e feminino, o primeiro representando sempre o mais forte, o mais seguro, o racional, enfim, o superior: “alto/baixo, em cima/embaixo, na frente/atrás, direita/esquerda, reto/curvo (e falso), seco/úmido, duro/mole, temperado/insosso, claro/escuro, fora (público)/dentro (privado)”. (BOURDIEU, 1999, p. 16)

O autor lembra que algumas idéias acerca da superioridade masculina estão de tal forma engendradas e naturalizadas em nossas vidas que até nos dias de hoje causam estranheza certas situações, como, por exemplo, numa relação amorosa, o homem ser mais baixo do que a mulher ou a mulher ser a provedora do lar. O fato de o homem ter de ser mais alto do que a mulher está ligado à idéia naturalizada de que o homem deve ser o mais forte, o protetor, o poderoso, o que toma iniciativas e decisões, por isso deve ser também, pelo senso comum, o provedor da casa.

Se, por um lado, pode parecer vantajoso para o homem manter a superioridade através da dominação, por outro lado, existe a desvantagem de ter de se mostrar sempre superior. Bourdieu (1999, p. 64) explica que “o privilégio masculino é também uma cilada e encontra sua contrapartida na tensão e contensão permanentes, levadas por vezes ao absurdo, que impõe a todo homem o dever de afirmar, em toda e qualquer circunstância, sua virilidade”.

2 CARACTERÍSTICAS DO ORKUT

Como o orkut é tema do meu estudo, convém que sejam feitas algumas considerações conceituais, para que fique mais claro o referencial sobre o qual serão feitas as análises. O orkut é um produto google, veiculado através da rede mundial de computadores, a internet.

A Internet é um conjunto de redes de computadores interligadas que tem em comum um conjunto de protocolos e serviços, de tal forma que os usuários conectados possam usufruir de serviços de informação e comunicação de alcance mundial e que tem como principal característica a interatividade.

Somente em 1991 a internet chegou ao Brasil, através da RNP, Rede Nacional de Pesquisa, uma operação acadêmica subordinada ao Ministério de Ciência e Tecnologia, e em 1995, por iniciativa do Ministério das Telecomunicações e do Ministério da Ciência e Tecnologia, começou a abertura ao setor privado para exploração comercial. A RNP ainda é responsável pela infra-estrutura básica de interconexão e informação em nível nacional.

De acordo com o verbete da wikipédia (disponível em: www.wikipedia.org.

Acesso em: 26 de setembro de 2006):

o orkut é uma rede social filiada ao Google, criada em 19 de janeiro de 2004 com o objetivo de ajudar seus membros a criar novas amizades e manter relacionamentos. Seu nome é originado no projetista chefe, Orkut Büyükkökten, engenheiro turco do Google.

O sistema possui atualmente mais de trinta milhões de usuários cadastrados e o Brasil é país com o maior número de membros, correspondendo a mais de 60% dos usuários, ficando à frente, inclusive, dos Estados Unidos, que detém apenas cerca de 13% dos usuários. O orkut desperta maior interesse entre os mais jovens, sendo que mais de 60% tem entre 18 e 25 anos, mas essa estatística não é real porque muitos usuários menores de 18 anos mentem a idade para poderem participar da rede. De qualquer modo, a grande maioria de usuários é composta, certamente, de pessoas com menos de 25 anos, o que não exclui a participação de usuários mais velhos, muitas vezes à procura de companheiros de tempos passados. O maior interesse em participar do orkut é para fazer novos amigos ou encontrar antigos conhecidos, algumas pessoas possuem interesses profissionais.

Para que cada usuário possa ser melhor identificado, seu perfil é dividido em três partes: social, profissional e pessoal. Usarei a minha página no orkut para ilustrar e exemplificar como ocorre a identificação na rede de relacionamentos. No social, a pessoa pode falar um pouco de si, de seu estado civil, idade, religião, visão política, orientação sexual, paixões, esportes, atividades, livros, músicas, programas de tv, filmes e comidas de que mais gosta, livros. Aí também aparecem endereço, telefone e e-mail.

quem sou eu:	Leonina no horóscopo ocidental e dragão no horóscopo chinês, sou um ser indecifrável e contraditório. Já parei de tentar me entender e me explicar há muito tempo, por isso é melhor não perder tempo com definições.
relacionamento:	casado(a)
aniversário:	Agosto 13
idade:	42
interesses no orkut:	amigos

filhos:	sim – moram comigo
idiomas:	Português
religião:	Tenho um lado espiritual independente de religiões
visão política:	depende
humor:	extrovertido/extravagante, inteligente/sagaz, simpático
orientação sexual:	heterossexual
estilo:	contemporâneo
fumo:	não
bebo:	socialmente
animais de estimação:	prefiro que fiquem no zoológico
moro:	com companheiro(a), com filho(s)
cidade natal:	Rio de Janeiro
	editar
paixões:	viagem , literatura , filosofia , música , festas e bons papos .
esportes:	caminhada , spining , musculação .
atividades:	ler , escrever , trabalhar , malhar .
livros:	Grande Sertão Veredas , Cândido , O Ócio Criativo , Quando Nietzsche chorou , etc .
música:	Leãozinho , de Caetano ; Como nossos pais , de Belchior ; Eternamente , de Tunai ; Revendo amigos , de Joyce .
programas de tv:	Saia Justa , Manhattan Conection , Marília Gabriela , algumas novelas e minisséries , jornais e entrevistas em geral .
cinema:	Blade Runner , Bridget Jones I e II , Minha vida sem mim , Os amores da minha vida , Quem somos nós .
cozinhas:	brasileira , japonesa , italiana e francesa .
	editar
e-mail:	claumarins@gmail.com
telefone residencial:	34682675
telefone celular:	99871429
linha de endereço 1:	SHIN QI 4 - conj. 1 - cs. 4
cidade:	Brasília
estado:	Distrito Federal
código postal/CEP:	71510210

No perfil profissional, o usuário fala de sua formação acadêmica e de suas atividades e interesses profissionais.

escolaridade:	Diploma de Bacharel
escola (ensino médio):	Colégio La Salle
faculdade:	UnB
curso:	Letras
ano:	1986
faculdade:	UnB
curso:	Jornalismo
ano:	1993
profissão:	Servidora Pública
setor:	Governo, Gabinete Legislativo
empresa:	Senado Federal
título:	Técnico Legislativo
descrição do trabalho:	trabalho em gabinete parlamentar, minha ocupação maior é redigir documentos oficiais, como cartas, ofícios e memorandos. Além disso, presto atendimento ao público e acompanho solicitações do interesse do parlamentar.
e-mail de trabalho:	claudiam@senado.gov.br
telefone de trabalho:	33112372
habilidades profissionais:	Redação e revisão de textos, contato com público.
interesses profissionais:	Redação e revisão de textos.

Por fim, no perfil pessoal, são apresentadas as características físicas do usuário, como altura, cor dos olhos e dos cabelos, além de definir o que mais atrai e o que não suporta em outras pessoas, de modo a facilitar as relações interpessoais.

o que mais chama atenção em mim:	o cabelo
altura:	162 centímetros
cor dos olhos:	pretos
cor do cabelo:	castanho claro
tipo físico:	médio
do que mais gosto em mim:	cabelos
o que me atrai:	convicção, inteligência
o que não suporto:	pieguices

Cada usuário tem direito a colocar até doze imagens em sua conta. Além disso, tem um grupo de amigos que pode chegar a até 1000 pessoas, que podem ser classificadas como: desconhecido, conhecido, amigo, bom amigo e melhor amigo. Como cada amigo tem outro amigo, cada membro acaba, de alguma forma, conectado a todos os outros.

Existem comunidades no orkut, que são fóruns de interesse comum, onde qualquer pessoa pode entrar, caso seja aberta, de acordo com os temas que mais lhe convém. Se a comunidade for fechada, apenas o seu dono e os moderadores poderão autorizar a participação. Existem duas áreas de interação nas comunidades: o fórum e os eventos. O fórum funciona através de tópicos, alguém pensa em um assunto, elabora um texto com um título e permite que outras pessoas emitam opinião sobre o tema. Nos eventos, há geralmente informações sobre acontecimentos. A wikipedia apresenta as dez maiores comunidades do orkut, que já ultrapassaram a marca de um milhão de usuários em 6 de novembro de 2006:

- 1º - [Eu Odeio Acordar Ceddo](#) - criada em [23 de Maio](#) de [2004](#) - 2.887.541 membros
- 2º - [Eu amo a minha MÃE!](#) - criada em [16 de Julho](#) de [2004](#) - 2.605.925 membros
- 3º - [Eu amo fim de semana!](#) - criada em [28 de Novembro](#) de [2004](#) - 1.923.986 membros
- 4º - [Eu amo Chocolate!](#) - criada em [15 de Abril](#) de [2004](#) - 1.912.743 membros
- 5º - [SUA INVEJA FAZ A MINHA FAMA](#) - criada em [30 de Julho](#) de [2004](#) - 1.776.771 membros
- 6º - [A gente se fode mas se diverte](#) - criada em [15 de Maio](#) de [2004](#) - 1.776.699 membros
- 7º - [Eu Acredito e Confio em Deus ®](#) - criada em [29 de Agosto](#) de [2004](#) - 1.691.593 membros
- 8º - [Te incomodo?? Que peena !!](#) - criada em [8 de Abril](#) de [2005](#) - 1.561.380 membros
- 9º - [Eu adoro dar risada!](#) - criada em [7 de Julho](#) de [2004](#) - 1.514.288 membros
- 10º - [Só mais 5 minutinhos...](#) - criada em [28 de Maio](#) de [2004](#) - 1.486.401 membros.

3 Metodologia

Constitui-se *corpus* deste trabalho a comunidade da rede de relacionamentos orkut “Mulheres que sabem provocar”.

Inicialmente, ao elaborar o projeto de monografia, pesquisei no orkut comunidades relacionadas às mulheres. A partir daí, escolhi seis comunidades dentre as dezesseis primeiras em número de membros que mais me chamaram a atenção. No desenvolvimento do trabalho, no entanto, achei por bem analisar a comunidade com maior número de participantes. Tal decisão deve-se ao fato de considerar que, quanto maior o número de membros de uma comunidade, mais representativa ela é para o tipo de análise que pretendo desenvolver.

Relaciono abaixo algumas comunidades que pesquisei, informando o número de membros constantes no dia 26 de outubro de 2006:

- 1) Mulheres que sabem provocar (550.266)
- 2) Mulheres que amam futebol (177.711)
- 3) Mulheres que bebem cerveja (169.333)
- 4) Mulheres independentes (158.228)
- 5) Mulheres que dirigem bem (134.678)
- 6) Mulheres lindas e solteiras (123.081)

Para a realização dessa análise, serão considerados o título, a descrição, o perfil de dois participantes, um homem e uma mulher, e o teor de algumas mensagens. A seguir serão apresentados os itens que serão desenvolvidos na pesquisa.

1- O que se pretende investigar

Apresentação do corpus e do problema

2- Análise da conjuntura

Características do orkut e seu discurso

3- Análise do discurso

Investigação dos elementos lingüísticos e semióticos do texto

4- Reflexão sobre a análise

Apresentação de reflexões pessoais sobre a análise.

4 Análise do *corpus*

4.1 Visão panorâmica de algumas comunidades do orkut

O objetivo principal deste trabalho é verificar como é formada a identidade da mulher contemporânea a partir da análise da comunidade do orkut “Mulheres que sabem provocar”, apoiado na hipótese de que a construção discursiva da identidade da mulher nas redes de relacionamento acabe por reforçar a hegemonia do discurso masculino, seja através da sua imitação ou da sua repetição. Antes, porém apresentarei uma visão panorâmica de algumas comunidades do orkut que tratam de mulheres.

Quando iniciei a pesquisa em comunidades do orkut que abordam assuntos ligados a mulheres, percebi, numa primeira análise, que era possível separá-las em dois grupos antagônicos: de um lado, as comunidades em que as mulheres se apropriam do discurso masculino, como “mulheres que amam futebol”, “mulheres que bebem cerveja” e “mulheres que dirigem bem”, de outro lado, as comunidades em que as mulheres se colocam como objeto do desejo masculino, como “mulheres que sabem provocar”, “mulheres que fazem biquinho”, “mulheres lindas e solteiras”.

A comunidade “mulheres independentes” não se adequa exatamente em nenhum dos dois grupos e questiona o “lugar secundário” que as mulheres ocupam na sociedade. Na sua descrição, reproduz um texto de uma ativista do movimento feminista.

descrição:	<p>"Através de estudos, pesquisas, entrevistas e análises, chegamos a uma conclusão: a mulher não ocupa na sociedade um lugar desconfortável em relação ao homem, graças às suas condições físicas, biológicas, naturais... como durante milênios nos fizeram crer. Nada disso. Esse status de inferioridade, essa condição de cidadão de segunda classe nos é imposta através de uma cultura milenar que a sociedade nos impinge ainda quando estamos no ventre materno e nos condiciona e orienta para a execução de um papel social de segunda categoria e a ocupar um lugar secundário na sociedade e sem nenhuma manifestação de rebeldia..."</p> <p>*Zuleika d'Alembert (Presidente do Conselho Estadual da Condição Feminina)</p>
------------	--

Pierre Bourdieu (1999) afirma que existe uma oposição entre masculino e feminino que pode ser desmembrada em outros tipos de oposição: ativo e passivo, alto e baixo, duro e mole, seco e úmido, dentre outras, restando ao homem, sempre, desempenhar o papel de maior prestígio. As comunidades “mulheres que amam futebol”, “mulheres que bebem cerveja” e “mulheres que dirigem bem” relacionam-se a atividades tipicamente masculinas apropriadas pelas mulheres. As idealizadoras dessas comunidades querem passar de uma postura passiva, comum ao discurso feminino, para uma postura ativa, pois todos os títulos referem-se a ações: gostar de jogar e assistir futebol, beber cerveja e dirigir bem.

Nas descrições, fóruns e eventos desse grupo de comunidades fica claro que se trata de exceção o fato de mulheres gostarem de futebol, beberem cerveja e dirigirem bem, é como se fossem intrusas entrando como penetras em um universo que não lhes pertence, ou ainda, como se quisessem simplesmente agradar e se aproximar dos homens. No fundo, há sempre a preocupação com o olhar masculino. Veja a descrição da comunidade “mulheres que bebem cerveja”:

descrição:	Comunidade reservada para todas as mulheres que gostam de festas, de estar entre amigos, de se divertirem, e claro, tomar uma cervejinha bem gelada e a comunidade tbem é destinada aos homens que amam estas lindas mulheres que bebem cerveja.
------------	--

O texto acima afirma que a comunidade “também é destinada aos homens que amam estas lindas mulheres que bebem cerveja”. O adjetivo “lindas” aparece como uma qualidade que as mulheres têm, importante para o olhar masculino, e serve para reforçar a imagem de mulher objeto que, aparentemente, elas queriam descartar. Existe a pressuposição de que, apesar de beberem cerveja, uma atitude tipicamente masculina, elas são “lindas” o suficiente para que os homens a amem, ou seja, mantêm as características que os homens gostam.

A descrição da comunidade “mulheres que dirigem bem” acaba por reforçar a crença de que a maioria das mulheres não dirige bem:

descrição:	Essa comunidade é pra todas nós que mandamos muito bem na direção, não temos medo de pegar trânsito nem de parar na ladeira e ainda deixamos muito marmanjo comendo poeira... Porque as mulheres mudaram e hoje em dia existem MUITAS que dirigem super bem, têm estilo e sabem o que fazem. Claro que algumas ainda não se adaptaram, mas um brinde a nós, que desenvolvemos essa característica, antes masculina, e que hoje nos faz tão charmosas ao volante!
------------	--

O texto acima reforça a idéia de que os homens dirigem melhor do que as mulheres ao afirmar que “algumas” motoristas não tem medo de pegar no trânsito, nem parar na ladeira. Ao reconhecer que as mulheres “mudaram” legitima a crença de que antigamente todas as mulheres, sem exceção, dirigiam mal. Quando destaca que “MUITAS” dirigem super bem, reconhece que ainda há mulheres que dirigem mal, e

tenta justificar essa inferioridade afirmando que “algumas ainda não se adaptaram”, mas, ao utilizarem a adversativa “mas”, acaba identificando as mulheres da comunidade como um grupo de exceção que conseguiu “desenvolver” uma característica masculina.

Ao quererem se igualar aos homens e incorporarem características masculinas, os membros dessa comunidade legitimam e naturalizam a superioridade masculina não apenas em relação à ação de dirigir, mas também, de certa forma, demonstram que os homens são mais seguros (sabem o que fazem), mais corajosos (não tem medo de pegar trânsito, nem parar em ladeira), e têm mais atitude, confirmando o pensamento de Bourdieu (1999, p. 17):

A divisão entre os sexos parece estar na ‘ordem das coisas’, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável: ela está presente, ao mesmo tempo, em estado objetivado das coisas (...), em todo o mundo social e, em estado incorporado, nos corpos e nos *habitus* dos agentes, funcionando como esquemas de percepção, de pensamento e de ação.

As comunidades “mulheres que sabem provocar”, “mulheres lindas e solteiras” e “mulheres que fazem biquinho” procuram usar o poder de sedução feminino para conquistar os homens. Nesses exemplos, a identidade da mulher é construída a partir do olhar masculino.

A descrição da comunidade “mulheres lindas e solteiras” apresenta mulheres totalmente submissas ao olhar e ao desejo masculinos:

descrição:	A pergunta que não quer calar.... Se vocês são lindas, sexys, inteligentes e interessantes... Por que ainda estão solteiras?! Existe mesmo um príncipe encantado para cada uma de vocês?!
------------	---

São usados quatro adjetivos que qualificam positivamente (lindas, sexys, inteligentes e interessantes) e reticências que indicam que elas possuem ainda mais qualidades. A pontuação é muito marcante na descrição, a primeira e a terceira frases terminam com reticências, que pode representar idéia não concluída, dúvida, pensamento em aberto, etc. As quarta e quinta frases terminam com ponto de interrogação e exclamação, significando espanto, incredulidade. A incompreensão por ainda estarem solteiras e por não ter ainda aparecido o príncipe encantado destinado a cada uma delas é realçada pela pontuação.

Ao questionarem o fato de apesar de serem lindas, sexys, inteligentes e interessantes e ainda estarem solteiras, essas mulheres estão afirmando que tudo o que fazem é com a intenção de satisfazer o universo masculino, e, assim, quem sabe, encontrar um príncipe encantado que as façam felizes. Parece que todos os esforços de ficarem mais bonitas, mais sexys e mais inteligentes não têm nada a ver com a satisfação pessoal de cada uma ou com a intenção de se afirmarem como mulheres independentes e realizadas, estão relacionados apenas com a intenção de encontrar um amor idealizado, como nos contos de fadas.

A comunidade “mulheres que fazem biquinho” apresenta um tipo de mulher futilizada, que só se preocupa com a imagem, como percebemos com a descrição:

descrição:	Adora fazer biquinho? Dança, posa pra foto, anda na rua, conversa de perto, tudo fazendo biquinho?! Adora chamar a atenção né?! Essa comunidade é sua! Mostre o seu aqui! ;)
------------	--

A preocupação com a imagem é marcada por duas frases: “posa pra foto” e “adora chamar a atenção”. O “biquinho” é um gesto sensual e provocador, logo, a

intenção dos membros dessa comunidade é atrair e provocar o olhar masculino. Nessa descrição também é bastante significativa a pontuação. A interrogação seguida de exclamação aqui tem outra conotação, procura chamar atenção para a pergunta.

A análise da comunidade “mulheres que sabem provocar” será objeto de estudo do próximo tópico.

5.2. Análise da comunidade “mulheres que sabem provocar”

A comunidade “mulheres que sabem provocar” é a comunidade relacionada a mulheres com o maior número de membros. Essa informação, por si só, já é bastante significativa, uma vez que essa comunidade tem muito mais participantes do que outras que destacam qualidades e atitudes mais desvinculadas do olhar masculino, como “mulheres inteligentes” e “mulheres independentes” ou comunidades que valorizam principalmente a estética feminina, como “mulheres que fazem biquinho” e “mulheres lindas e solteiras”.

Há, na verdade, nove comunidades com o título “mulheres que sabem provocar”, mas este trabalho analisará apenas a que possui mais de 500.000 membros. No decorrer da análise, serão transcritos trechos que aparecem na página da forma como eles são escritos, sem correção, seja de estilo ou gramatical.

Veja abaixo a descrição da comunidade:

aparece a oração “gostando ou não...”, dando a entender que a provocação pode ser difícil de suportar, novamente os três pontinhos deixam dúvidas e muitas possibilidades no ar.

O segundo parágrafo traz uma observação: “essa não é uma comunidade com intuitos eróticos... portanto, entre a vontade!”. Essa observação apresenta uma contradição com o parágrafo inicial, que deixa pressuposto um jogo erótico entre mulheres provocadoras e homens provocados, e a foto (abaixo) que ilustra a comunidade.



A foto tem um conteúdo bastante erótico, um pé feminino segurando uma calcinha leva ao entendimento de que a mulher está provocando um homem, e mais, que está nua, se oferecendo a um homem. Portanto, embora afirme, na observação, que a comunidade não tem “intuitos eróticos”, a foto, que tem uma significação erótica muito forte, o título da comunidade, que é por si só erótico, e o texto inicial, com seus três pontinhos deixando muitas coisas no ar, apontam para uma contradição e deixa claramente marcado o “intuito erótico” da comunidade.

Além disso, existe uma ambigüidade na observação. O enunciado “essa não é uma comunidade com intuitos eróticos... portanto, entre a vontade!” pode querer dizer que, apesar de todo apelo erótico, aquela comunidade pode ser freqüentada por

pessoas “sérias”, que não querem saber de ambientes promíscuos. O adjunto adverbial “portanto” subordina a ação de entrar ao fato de se tratar de uma comunidade sem intuítos eróticos, como se dissesse entre à vontade porque apesar da foto, do título, da descrição, essa comunidade não tem nada de erótica. Talvez aqui coubesse uma pergunta à dona ou à moderadora da comunidade, afinal, que tipo de provocação é essa a que se referem?

Por outro lado, o mesmo enunciado “essa não é uma comunidade com intuítos eróticos... portanto, entre a vontade!” pode conter uma brincadeira maliciosa, já que a frase “entre a vontade” pode pressupor um convite ao ato sexual. O verbo “entrar” está carregado de significação erótica.

Os parágrafos seguintes da descrição são usados para organizar e colocar regras na comunidade, “devido a reclamação de alguns membros e a desorganização acelerada”. A moderadora apresenta três regras: criadores de novos jogos serão expulsos, tópicos repetidos serão apagados e tópicos fora do tema serão apagados. Depois pede a compreensão de todos e pede ainda que a comunidade seja mantida organizada.

Convém ressaltar outro aspecto contraditório da descrição. Apesar de se tratar de uma proposta descontraída, de um jogo de sedução entre provocadoras e provocados, há uma série de regras e proibições e uma preocupação excessiva e desnecessária, a meu ver, com a organização da comunidade. Percebe-se que a personalidade da moderadora é autoritária pelo uso de frases afirmativas e imperativas, mas ela procura disfarçar com a frase “não queria, mas infelizmente tive que colocar regras na comunidade”.

Fairclough afirma que, através da modalização, é possível fazer a distinção entre os diversos níveis de envolvimento do falante com a verdade, com a obrigação ou com a necessidade do enunciado. Dessa forma, percebemos que quando a moderadora utiliza o advérbio “infelizmente” na frase anteriormente citada, ela evita se comprometer com o fato de “colocar regras na comunidade”, como se tivesse sido obrigada a agir assim por causa do comportamento dos outros e não porque ela quisesse.

Além de utilizar o marcador de modalização “infelizmente”, a autora inicia o enunciado com a oração “não queria” seguida do operador argumentativo “mas”, como forma de atenuar o seu comprometimento, como se quisesse deixar bem claro que não era a sua intenção (“não queria, mas infelizmente...”) ter que colocar regras na comunidade.

Outro aspecto importante a ressaltar é o fato de que essa é a única frase na primeira pessoa do singular, o que dá a entender que ela é a dona da comunidade, pois tomou a decisão sozinha (“não queria...”).

Portanto, por mais que tenha procurado usar recursos para não se comprometer, após tantos atenuantes, ela apresenta as regras de forma bastante imperativa, sem deixar margens a dúvidas e sem demonstrar mal estar pela imposição das regras. Ou seja, ela acabou se comprometendo.

As outras frases que aparecem em primeira pessoa, aparecem no plural. Com isso, ela deixa um pouco o papel autoritário de dona para dividir as responsabilidades e as decisões com os usuários

5.2.1. Análise do perfil de um participante masculino

Escolhi aleatoriamente o participante do sexo masculino Rinaldo Freire, cujo perfil apresento abaixo:

quem sou eu:	Carne e osso, acerto, erro, sortudo por ter a família q tenho, batalho por aquilo q quero até achar q ainda vale a pena, otimista, carinhoso, adoro sair, adoro praia (quando consigo acordar)acredito em deus e na paz...enfimmm.... já deu né?
relacionamento:	namorando
aniversário:	Agosto 28
idade:	24
interesses no orkut:	amigos, contatos profissionais
filhos:	não
idiomas:	Português
religião:	Cristão/católico
visão política:	apolítico
humor:	extrovertido/extravagante, simpático, pateta/palhaço
estilo:	alternativo, urbano
fumo:	não
bebo:	socialmente
moro:	com meus pais
paixões:	Minha família , meus amigos , Viajar , balada , praia e publicidade .
esportes:	tênis e boxe
livros:	todo dj ja sambou
música:	Músicas boas!! independente do estilo.. tem q ser boa.
programas de tv:	pânico , The Nadas (Na MTV..MTO BOM!!) , fantástico .
cozinhas:	japonesa , italiana e um bom churrasco .

cidade: Fortaleza

Rinaldo é um dos membros da comunidade “mulheres que sabem provocar”, tem 24 anos, é solteiro, católico, apolítico, mora com os pais em Fortaleza, gosta de ir à praia, é carinhoso e, atualmente, está namorando.

No campo “quem sou eu”, escreve: “carne e osso, acerto, erro...”. Com isso, procurou ressaltar o aspecto carnal de sua humanidade, o que o torna sujeito, portanto, a erros e acertos, como se dissesse: não sou santo. Logo em seguida se diz “sortudo por ter a família que tenho”, donde se deduz que se trata de um rapaz de família, um “bom” moço que acerta mais do que erra.

No item paixões, a família vem em primeiro lugar, seguida dos amigos, depois vem “viajar, balada, praia e publicidade”. Nos depoimentos, amigas falam o quanto ele é bacana e como é importante ter um amigo como ele, não há declarações de mulheres com segundas intenções.

Podemos concluir, então, que Rinaldo participa da comunidade “mulheres que sabem provocar”, mas aparentemente não se liga a mulheres provocadoras, pois o seu perfil é de um rapaz romântico, fiel à namorada, mais ligado à família e às amizades do que ao jogo de sedução.

5.2.2. Análise do perfil de uma participante feminina

Escolhi também aleatoriamente a participante do sexo feminino Carol 'Kika'

Lindoso, cujo perfil apresento abaixo:

quem sou eu:	<p>Sonhadora e Prática. Apaixonada e Cética. Paciente e Explosiva. Mordo e Assopro. Carinhosa e Durona. Pisciana e Ariana.</p> <p>Com a mesma intensidade... já amei e já odiei já quis e já afastei já bati e já apanhei já sorri e já chorei já desisti e já conquistei.</p> <p>Indefinida e Transparente. Duas em uma. Todas ao mesmo tempo.</p> <p>"Quem me vê caminhando na rua, de salto alto e delineador, jura que sou tão feminina quanto as outras: ninguém desconfia do meu hermafroditismo cerebral. Adoro massas cinzentas, detesto cor-de-rosa. Penso como um homem, mas sinto como mulher. ... Sou tantas que mal consigo me distinguir. ... São muitas mulheres numa só, e alguns homens também. Prepare-se pra uma terapia de grupo." (Martha Medeiros - Divã)</p> <p>Assim eu sou...</p> <p>No momento, em estado de graça. Encantada... e vivendo de contagens regressivas. É a vida...</p>
relacionamento:	namorando
aniversário:	Março 7
interesses no orkut:	amigos, companheiros para atividades
filhos:	não
idiomas:	Português, Inglês (EUA), Espanhol
religião:	Tenho um lado espiritual independente de religiões
humor:	inteligente/sagaz, simpático
orientação sexual:	heterossexual

estilo:	casual, clássico, contemporâneo, urbano
fumo:	de vez em quando
bebo:	de vez em quando
animais de estimação:	adoro meu(s) animal(is) de estimação
moro:	só, com animal(is) de estimação, amigos visitam com frequência, baladeiro de plantão
paixões:	Advocacia, o dom que herdei de meu pai. Ariel e Ookla, os "filhotes" que tirei da rua. Viajar, o desejo incontrollável que me domina a todo momento. Mergulhar, a busca pelo perfeito, pelo sublime, pelo sereno.
esportes:	Futebol de areia, Futvôlei, Mergulho.
atividades:	Advogada, internauta nas horas vagas e dona de casa quando me dá na telha.
livros:	O Noivo da Princesa (William Goudman); O Dicionário Kazar(Milorad Pávitch); O Mundo de Sofia (Jostein Gaarder); No Palácio do Rei Minos (Nikos Kazantzakis) e outros...
música:	Norah Jones, Etta James, Diana Krall, Nina Simone, Billie Holiday, Everything But The Girl, Frente!, Crash Test Dummies, Les Nubians, The Smiths, The Cure, New Order e rock, muito rock...
programas de tv:	The Muppet Show
cinema:	Aficcionada por terror trash... fazer o quê?
cozinhas:	Mexicana, chinesa, italiana, brasileira.
MSN:	kika_pilica@hotmail.com
cidade:	Brasília
estado:	(e em constante ponte aérea amorosa)
país:	Brasil

Carol é uma advogada que não diz a idade, mora em Brasília e, na descrição, assume sua incoerência. Define-se como sonhadora e prática, apaixonada e cética, paciente e explosiva, carinhosa e durona. “Indefinida e transparente. Duas em

uma. Todas ao mesmo tempo”. Em seguida, cita trecho de uma crônica de Marta Medeiros em que se diz hermafrodita, “pensa como homem, sente como mulher”.

Procura deixar bem claro em todo perfil que é um ser múltiplo, indefinido, questionador, que contém muitas identidades. Talvez uma dessas identidades seja a de uma mulher que sabe provocar, mas Carol parece ser mais romântica, apaixonada e carinhosa do que provocadora.

Enquanto seus esportes favoritos são ligados mais a atividades masculinas (futebol de areia, futvôlei e mergulho), a música, os livros e os programas preferidos denunciam seu ecletismo, às vezes passivo, romântico e até ingênuo (livro: O noivo da princesa; música: Norah Jones, Diana Krall, Billie Holiday; programa de TV: The Muppet show) e às vezes mais ativo, agressivo e irreverente (livro: O dicionário Kazar; música: Crash test dummies, The smiths, The cure e muito rock).

Nos depoimentos, amigos confirmam o quanto ela é passional e o namorado faz um declaração de amor, chamando-a de “a flor mais bonita de todos os jardins”. Nada na página de Carol remete a qualquer tipo de erotismo, apesar de se apresentar como uma mulher moderna e indefinida.

5.2.3. Comunidades relacionadas

Das oito comunidades relacionadas, apenas duas tem algum apelo erótico, que são “sim, eu tenho peito” e “cala a boca e... beija logo!”. Embora a primeira só tenha apelo erótico se relacionada à foto, pois a frase por si só pode representar também mulheres que têm coragem.


comunidades relacionadas




		
Solteiros sim, sozinhos nunca! (389.829)	Eu amo feriado! (454.083)	Demorou pra chegar SEXTA FEIRA (686.586)
		
Sim, eu tenho peito! (404.094)	Já desci escada pelo corrimão! (572.992)	Calá a boca e... beija logo! (476.141)
		
Já tomei banho de chuva (712.185)	Às baixinhas são as melhores (942.014)	

Algumas comunidades têm características bastante ingênuas, como “eu amo feriado” e “já tomei banho de chuva”, não lembrando em nada um sítio de mulheres provocadoras.

5.2.4. Fórum

No fórum aparecem alguns tópicos com teor erótico, é sem dúvida o único lugar do sítio em que são abordados temas ligados à provocação sexual. Apresento abaixo os dez primeiros tópicos que apareceram na minha pesquisa:

tópico	autor	postagens	última postagem
 KuAL dOs 2 AcImA Vc CoNsIdErA MaIs PrOvOcAnTe??	Katy	557724	13/11/2006
 CoNfEsSaNdO....entrem no confessionário	*♥*Erika	189228	13/11/2006
 VÍDEO DA DANIELA CICARELLI, FUDENDO...	eduarda	1	13/11/2006
 DESCUBRA A IMPRESSAO Q VC CAUSA!!!!	Paulo	2064	13/11/2006
 vc masturbaria a pessoa acima???	BruNNo	63285	13/11/2006
 FOTOS AMADORAS DE SEXO ANAL	Manu	1	13/11/2006
 jogo dos 10 tente sem ser incomodado	↑FiL↑ ☀PsY☀	23190	13/11/2006

	AFF ou HUMMMM	*εἶς*Rosely*εἶς*	68	13/11/2006
	COME NA CAMA, NO SOFA, OU TÁ SEM FOME!	Alexandre	22755	13/11/2006
	BEIJA A(O) DE CIMA OU ARRISCA A (O)DE BAIXO			

Pela primeira vez aparece palavrão “fudendo” e referência explícita a relação sexual, como nos tópicos “você masturbaria a pessoa acima?” e “fotos amadoras de sexo anal”. Outros tópicos usam trocadilhos e ambigüidades, como “come na cama, no sofá, ou ta sem fome!” e “beija a (o) de cima ou arrisca a (o) de baixo” para expressar, de forma lúdica e indireta, conteúdos eróticos. Alguns são mais singelos e referem-se a relacionamentos e jogos de sedução, como “descubra a impressão que você causa” ou “kual dos 2 acima vc considera mais provocante?”.

5.2.5. Reflexões sobre a análise

Ao analisar a comunidade como um todo, pude perceber incoerência primeiramente entre o discurso pressuposto no início da descrição e a mensagem transmitida com a foto e o restante do discurso da descrição, depois, entre o discurso pressuposto inicialmente e o discurso constante do perfil dos usuários, das

comunidades relacionadas e até mesmo do fórum, que, embora, possua alguns tópicos mais eróticos, não chega a abalar o aspecto bem comportado da comunidade.

Pesquisei os perfis de outros participantes da comunidade e percebi que não diferem muito dos perfis do rapaz e da moça apresentados nos tópicos anteriores, a maioria é composta de pessoas jovens, que moram com a família, que estão namorando ou à procura de companheiros, alguns são estudantes, outros já se formaram e estão inseridos no mercado de trabalho, mas todos os que analisei possuem um traço em comum, o romantismo, seja em maior ou menor escala, seja escancarado ou dissimulado, perceptível pela escolha, por exemplo, das músicas, dos livros e dos filmes preferidos ou na descrição sobre o que os atrai em outra pessoa.

Concluí que o teor erótico pressuposto no título, em parte da descrição e na foto da comunidade do orkut “mulheres que sabem provocar” não se sustenta nos discursos de sua moderadora, dos seus participantes e do resto do sítio. Em linguagem de jogador, poder-se-ia dizer que é um tipo de blefe, onde as mulheres representam o papel de fêmeas provocadoras sexuais e os homens representam o papel de machos devoradores de fêmeas provocadoras, sem que sejam, necessariamente, uma coisa ou outra.

É compreensível o esforço das mulheres modernas em modificar o comportamento no jogo da sedução, sendo mais provocadoras do que antes. A partir das teorias de Freud, no início do século XX, e da revolução cultural e comportamental ocorrida a partir da década de 60, também do século XX, as pessoas buscam a emancipação sexual. Por um lado, Freud “descobriu” o inconsciente, libertando o

pensamento de vários preconceitos e ajudando a enxergar o sexo de forma mais livre, como uma fonte de prazer essencial. Por outro, os movimentos de libertação sexual da mulher, ancorados pela descoberta da pílula anticoncepcional, colaboraram para a formação de um novo discurso feminino, livre do tabu da virgindade e das repressões sexuais.

Flávio Gikovate (2001, p. 57) descreve uma paquera, ressaltando que toda sedução tem um forte ingrediente agressivo, desencadeado pelo desejo que um homem sente por uma mulher:

Ele é o caçador e ela, a presa. Ele quer submetê-la e ela pretende encantá-lo. Ele usa seus dotes intelectuais, sua condição socioeconômica para impressioná-la e ela faz uso de dotes físicos, sua esperteza, capacidade de dizer não à situação erótica até o momento em que lhe pareça adequado, no qual o caçador já estaria totalmente seduzido e refém de sua caça.

O fato de o homem exercer o papel de caça e a mulher de caçadora faz parte do jogo erótico entre os sexos. A partir das idéias de Bourdieu (1999) de que o ato sexual é visto pelos homens como uma forma de dominação e de que o órgão sexual feminino é tido como sagrado e como tabu, pode-se supor que, de acordo com o pensamento de Fairclough sobre ideologia, a prática social na qual o homem age como um caçador em busca do tesouro sagrado, representado pela vagina, é legitimada e naturalizada pelo discurso feminino, ainda que este aparente ser moderno e livre de preconceitos.

Essa é mais uma das tensões geradas pela modernidade, a mulher sente-se compelida a romper com a dominação masculina e a viver a sua emancipação sexual, mas, quando parece que rompeu essa barreira, acaba por reafirmar o discurso

masculino e reassume o papel de caça. Isso pode ser visto, com clareza, na observação que aparece logo depois da descrição da comunidade “mulheres que sabem provocar”: “essa não é uma comunidade com intuitos eróticos... portanto, entre a vontade!”, ou seja, depois de se apresentarem como mulheres liberadas “que sabem provocar, seja qual for a maneira ou a intenção...”, as mulheres da comunidade mostram-se conservadoras, pois, ao retirar os “intuitos eróticos”, acabam por confirmar e reafirmar que guardam em si o sagrado, o tabu, o tesouro que deve ser caçado pelos homens.

Portanto, a partir de minha análise, posso afirmar que o discurso feminino da comunidade “mulheres que sabem provocar” reforça a hegemonia do discurso masculino, ao não conseguir romper com papéis pré-estabelecidos, construídos ao longo da história e incorporados à ordem social.

CONCLUSÃO

A busca de identidade e a sensação de pertencer a algum grupo passou a ser uma necessidade da pós-modernidade. Segundo Bauman (2001), o fato de pertencer a uma comunidade ajuda o indivíduo a recuperar o senso de pertencimento e a sentir-se mais confortável e seguro. E mais, a identificação com determinado grupo ajuda na definição identitária do sujeito.

Nesse sentido, o orkut, a maior rede de relacionamentos do mundo, constitui-se um campo farto para o agrupamento de pessoas, já que é possível encontrar afins procurando comunidades por áreas de interesse.

Como já foi abordado neste trabalho, há vários tipos de comunidades relacionadas às mulheres, algumas com discursos mais liberais, outras com discursos mais conservadores. E, às vezes, dentro de uma só comunidade, há vários tipos de discurso. A comunidade “mulheres que sabem provocar” é um bom exemplo do discurso contraditório que encontramos no orkut.

A mulher contemporânea traz em sua ânima, ao mesmo tempo, características da pós-modernidade, que busca romper com o passado, e resquícios do pensamento tradicional, sempre atrelado ao que há de mais conservador. Só que, o que se apresenta como um conflito, uma contradição, é por si só uma das características mais marcantes da pós-modernidade, pois o sujeito contemporâneo traz em si a multiplicidade de identidades. Rocha-Coutinho (disponível em: <http://www.puc->

rio.br/sobrepucc/depto/psicologia, acessado em: 26/09/06) explica que identidade “é sempre um entidade abstrata, (...) é uma construção discursiva que transcende as particularidades dos indivíduos e dos grupos restritos para inseri-los em um projeto globalizante e totalizador”.

Como a identidade é construída e formada a partir da nossa relação com os outros, ela carrega sempre um pouco do particular e do global. Por isso, a identidade é múltipla, fragmentada, e, portanto, contraditória. De modo que a comunidade analisada, ao se afirmar, inicialmente, como uma comunidade de mulheres provocadoras e, depois voltar atrás, justificando que não possui intuítos eróticos, apresenta-se como um discurso tipicamente pós-moderno.

O discurso feminino ainda mantém características como subjetividade, docilidade, intuição, típicas de práticas ligadas aos encargos com a casa e com a família. Em vez de ter rompido com o passado e modificado o discurso, a mulher incorporou novas práticas discursivas às outras que já possuía para incluir outros papéis que passou a desempenhar. “Na verdade, portanto, parece que a identidade feminina não foi substancialmente alterada mas sim ampliada para incluir este novo papel da mulher, o de profissional competente.” (Rocha-Coutinho, disponível em: <http://www.puc-rio.br/sobrepucc/depto/psicologia>, acessado em: 10/10/06).

Por isso, não é de se estranhar que as mulheres oscilem entre comportamentos considerados ora mais modernos, conforme o que é esperado pela sociedade contemporânea, e ora mais conservadores, de acordo com o que reza a tradição, amparados por instituições como família, escola e igreja.

As mulheres da comunidade “mulheres que sabem provocar” parecem tentar conciliar os dois discursos e as várias identidades possíveis: são um pouco liberais, um pouco conservadoras, um pouco românticas, um pouco agressivas, como as mulheres do seu tempo, múltiplas, fragmentadas, às vezes querendo se enquadrar na totalidade, outras, desejando se diferenciar. São apenas mulheres pós-modernas.

BIBLIOGRAFIA

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

_____. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. Lisboa: Fundação Calouste Gulenkian, 2002.

DE MASI, Domenico. **O ócio criativo**. Rio de Janeiro: Sextante, 2000.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: UnB, 2001.

FAIRCLOUGH, Norman. **Analysing discourse. Textual analysis for social research**. London: Routledge, 2003. Versão traduzida por Josênia Antunes Vieira (coord.).

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

_____. **A transformação da intimidade**. São Paulo: UNESP, 1993.

_____. **Sociologia**. Lisboa: Fundação Calouste Gulenkian, 2000.

_____. **Modernidade e Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002.

GIKOVATE, Flávio. **A libertação sexual: rompendo o elo entre o sexo, o poder e a agressividade**. São Paulo: Sumus, 2001.

LYOTARD, Jean-François. **A condição pós-moderna**. Rio de Janeiro: Olimpo, 2000.

NICOLACCI-DA-COSTA, A.M. A passagem interna da modernidade para a pós-modernidade. **Psicologia, ciência e profissão**, nº 24, 2004.

PORTO, S. Dayrell. **Sexo, afeto e era tecnológica**. Brasília: Editora da UnB, 1999.

ROCHA-COUTINHO, Maria Lúcia. **Dos contos de fadas aos super heróis: mulheres e homens brasileiros reconfiguram identidades**. Disponível em <http://www.puc-rio.br/sobrepucc/depto/psicologia>.

VIEIRA, Josenia. A identidade da mulher na modernidade. **Delta**, Vol. 21, 2005, 207-238.